

### Introdução à situação filosófica atual

A filosofia, tal qual toda disciplina, é inspirada por aquele espírito da época que os alemães chamam de "Zeitgeist". A relação entre esse "Zeitgeist" e a filosofia é, aliás, um problema muito interessante e complexo e forma, ele próprio, uma parte preponderante da filosofia da história. O problema ~~concerne~~ <sup>toca</sup> a questão: até que ponto a filosofia de uma época é resultado do espírito da época, e, mutatis mutandis, até que ponto a filosofia de uma época cria esse espírito, ou o espírito da época subsequente? por exemplo: Até que ponto é a filosofia do classicismo resultado do espírito classicista, até que ponto é ela responsável pelo espírito classicista, e até que ponto é ela responsável pelo espírito do romantismo? Essa é somente uma das muitas maneiras pelas quais a filosofia se torna objeto de estudo para si mesma numa espécie de incesto intelectual. Não é, no entanto, este problema que me proponho a analisar, o que pretendo é colocar a filosofia da atualidade numa perspectiva mais ampla, ou, para falar geometricamente, quero tentar encontrar algumas coordenadas da filosofia moderna. Para tanto esboçarei, muito rapidamente, a situação exterior presente da sociedade, para depois encontrar o lugar da filosofia nessa sociedade.

Direi, de início, que a sociedade está em rápido processo de homologação, que as barreiras entre as diversas sociedades estão em vias de desmoronar e que já podemos vislumbrar, com otimismo ou horror (dependendo dos nossos preconceitos) uma sociedade humana unificada. Este processo está, entretanto, longe de ter sido completado, e a decomposição das sociedades tradicionais é muito mais rápida nas sociedades chamadas muito caracteristicamente de "subdesenvolvidas". Essa decomposição cria um vácuo, sobre o qual as duas sociedades ~~soit~~ <sup>se</sup> disant "desenvolvidas" se precipitam, impelidas por forças quase físicas. Essas duas sociedades, que desta forma

entram em choque frontal, são muito parecidas entre si, já que descendem, em princípio, de ancestrais comuns, a saber, da sociedade romana. Trata-se de um lado, dos herdeiros da Rôma Latina, do outro lado, dos herdeiros da Roma Bizantina. Como acontece sempre em estudos analíticos, são as diferenças muito mais que as semelhanças que interessam: A primeira sociedade, a qual chamarei de "ocidental", está às portas de um estado de coisas que sem muito exagero poderá ser chamado de paraíso tecnológico. Graças a uma série de revoluções sociais, políticas e econômicas, entre as quais mencionarei a revolução industrial, americana-francesa, foram libertadas energias e derrubadas barreiras que possibilitam, para o futuro próximo, o desaparecimento da pobreza, a diminuição das distancias entre as camadas sociais, a diminuição progressiva do tempo e do esforço de trabalho, a reorganização da pirâmide social, diminuindo progressivamente o número de operários agrícolas e industriais, e aumenta, na mesma proporção, o número de administradores e intelectuais, aumento fantástico da riqueza, tanto individual como coletiva (moradias, veículos, aparelhos mas, também, estradas, escolas, instituições culturais e recreativas), melhoria quase milagrosa da saúde e aumento do tempo de vida, liberdade igualmente milagrosa de movimento, distribuição maciça de informação e de divertimento, equilíbrio sempre mais perfeito entre o empreendimento privado e a interferência administrativa, possibilitando, cada vez mais e ao mesmo tempo, a liberdade e dignidade humana e a proteção contra crises individuais ou sociais imprevisíveis. Repito, a sociedade ocidental está prestes a entrar no paraíso tecnológico. Consequentemente, estão desaparecendo os males do passado, a inveja social com seus preconceitos ridículos, o ódio de classes, a peste do nacionalismo. Este desenvolvimento é mais marcado no norte dos Estados Unidos e da Europa, menos progredido no sul dos Estados

Unidos e da Europa, como, por exemplo, em Portugal, Espanha, Sicília e Grécia, mas, se não for perturbado de fora, tomará, em breve, conta de todo o Ocidente. O fenômeno surpreendente neste desenvolvimento é que, a despeito de sua evidência palpável, ele parece não ter penetrado na consciência da humanidade. Um pessimismo beirando o desespero invade o Ocidente. Justo no momento em que ele parece querer alcançar os seus maiores triunfos, o Ocidente está perdendo a fé em si mesmo. Os valores que formam a sua base, isto é, os valores herdados dos gregos, judeus e cristãos, e desenvolvidos e enriquecidos pelas gerações subsequentes, estão sendo esquecidos e abandonados. Um nihilismo, a princípio epistemológico e religioso, mais tarde também ético e estético, se espalha a partir da camada intelectual para penetrar sempre mais fundo no organismo da sociedade. A incompetência da razão humana, a relatividade dos valores éticos e estéticos, a inautenticidade da fé no transcendental, em suma, a absurdidade da situação humana são postas em evidência, formam o tema do pensamento e da criação artística. A ênfase resultante dada à vivência bruta ou à razão humana como simples instrumento pragmático (esses dois polos nefastos do nihilismo) ameaçam transformar o homem ocidental em animal ou autômato, nos dois casos o idiotizam. E tornam a sociedade ocidental altamente vulnerável a ataques d'ó fora. É nesse clima que se desenvolve a filosofia do Ocidente, a qual forma a maior parte, se não a totalidade, da filosofia moderna.

A outra sociedade, que chamarei de bizantina, teve um desenvolvimento paralelo, mas diferente. As revoluções industrial e russa chegaram, se comparadas com o Ocidente, com um atraso de no mínimo 150 anos e irromperam numa sociedade muito mais rígida e hierárquica. Eram, portanto, revoluções aparentemente mais radicais e destruidoras, mas intimamente menos profundas. O paraíso tecnológico, lá chamado de "sociedade comunista", está dezenas de anos mais distante do que no Ocidente, a despeito do progresso

mais rápido da sociedade bizantina. A pobreza continua maior, a distância entre as camadas sociais continua pronunciada apesar de estar diminuindo, o trabalho é mais árduo, a liberdade humana, sempre muito problemática nessa sociedade, continua algemada e foi eliminada dos territórios europeus conquistados, o acesso à informação e ao divertimento é mais difícil. Apesar dessas desvantagens evidentes e palpáveis, não existe paralelo para o pessimismo e nihilismo prevaletentes no Ocidente. A fé ortodoxa, longe de ter sido eliminada, como o foi a fé católica e protestante no Ocidente, foi reorientada e revigorada no comunismo. Os valores básicos da sociedade foram revalorizados e adaptados às novas circunstâncias e resistem a toda investida, quia absurda. Os valores estéticos, fonte de um realismo oficialmente (dixi hieraticamente) imposto e repugnante aos olhos do Ocidente, são quase universalmente aceitos. Um clima de escatologia quase religiosa e otimista pervade essa sociedade e pode ser sentido em todas as suas manifestações. Esse clima é contagioso. Se bem que a sociedade bizantina não tenha, praticamente, produzido filósofos (uma sociedade eclesiástica é inimiga da filosofia), ecos da sua escatologia podem claramente ser percebidos na filosofia do Ocidente. Por cima dessas duas sociedades e por cima do vácuo criado pela derrocada das demais sociedades tradicionais, paira a bomba, essa possibilidade facilmente realizável de uma escatologia menos otimista. Evidentemente essa possibilidade eminente de um próximo fim da história humana é difícil de ser assimilada pela razão e sensibilidade humana. Trata-se de uma "situação de fronteira"; não pode ser "überholt" (ultrapassada) e, portanto, "não existe" (no sentido técnico da palavra). No entanto, a bomba forma o pano de fundo, à frente do qual se desenvolve a história da atualidade. Também a filosofia moderna se desenvolve diante desse pano de fundo.

5

Aparentemente, portanto, a filosofia atual apresenta uma multiplicidade de aspectos, mas fundamentalmente, vista em sua perspectiva histórica, ela forma uma unidade, dada pela sua situação dentro do espaço e do tempo. Não resta dúvida de que ela contribuiu para fazer com que o espaço e o tempo sejam tais como são, e não resta dúvida que ela está contribuindo para uma possível modificação desse espaço e tempo. Uma preocupação com a nossa filosofia é, portanto, uma preocupação com os problemas éticos da humanidade, tais quais se apresentam nos seus trajes transitórios, e é, ao mesmo tempo, uma preocupação com o futuro.

A nossa situação, tal qual a esbocei, é, certamente, única, como o é toda situação histórica, mas ela não é tão excepcional como quer parecer à primeira vista. A história fornece paralelos, e um deles me parece de uma semelhança surpreendente. Tenho, naturalmente, em vista o século IV. O paraíso que se abria para a sociedade ocidental daquela época era um paraíso político: a pax Romana. A fé nos valores ancestrais tinha se evaporado, e nem desespero cínico ou estóico tinha se espalhado pela sociedade. A sociedade correspondente à bizantina, o reino do Partas, tinha revivido a fé Zoroástica em nova forma, no mitraísmo, e, a despeito de arcaica, parecia revolucionária aos olhos dos romanos. Aliás, o paralelo entre a União Soviética e os Partas salta aos olhos. Recomendo a leitura do livro "Império do Oriente" de Altmann. A nossa bomba correspondem os bárbaros da estepe. Como sabem, aquela bomba explodiu.

Não quero exagerar a importância dessa excursão para o passado. Mas não resisto à tentação de chamar a sua atenção para o fato de que o cristianismo nascente, o fogo do mundo a surgir depois da explosão, deve ter sido interpretado por um intelectual do século IV como mais uma das muitas credices exóticas, às quais o populacho inculto se dedicava. Convido-vos a fazer seus próprios paralelos.

A filosofia do século IV tem, realmente, pontos em comum com a nossa. Há a tendência nihilista do cinismo, a tendência pragmática do epicurismo, a tendência logicista que informa Epicuro e a Stoa, uma espécie de existencialismo estóico, e há, principalmente, a tentativa desesperada de reconquistar os valores perdidos, de reconquistar Platão e a religiosidade ancestral, há o plotinismo. Todas essas filosofias aparentemente díspares, têm um aroma em comum, o aroma do "Zeitgeist", a saber: a transferência do interesse da filosofia a partir do mundo para o homem. Especulações metafísicas tornam-se subsidiárias a especulações epistemológicas, mais tarde éticas, e o absolutismo otimista cede lugar a um relativismo extenuado. Tudo isto é bem nosso conhecido, tem um "flavor" quase moderno. Acho que Toynbee descobriu uma verdade ao chamar essa época "contemporânea" como a nossa.

Repito que não se deve exagerar os paralelos. Há, naturalmente, diferenças importantíssimas, e a principal é a inexistência da ciência no século IV. A ciência é responsável, em grande parte, pela situação atual, e forma, portanto, um tema central da especulação moderna. A nossa filosofia confessa-se da ciência, ou está em franca rebeldia contra ela, ou procura enquadrar a ciência no conjunto dos valores humanos, mas não pode ignorá-la. Esta circunstância explica a curiosa metamorfose no estilo de filosofia, na estética da filosofia (se me permitem essa palavra). Os filósofos do século IV eram, basicamente, oradores. Os nossos são, basicamente, pesquisadores. Os do século IV pregavam, os nossos provam.

Antes de concluir esta rápida introdução, não posso deixar de enfrentar a pergunta que se impõe diante do esboço da situação atual, a saber: qual é a explicação da aparente disparidade entre a situação material e espiritual da sociedade? É evidente que esta pergunta é um dos temas centrais da filosofia atual e recebe tantas respostas quantos filósofos a abordam. Isto porque ela tem tantas explicações

Torna-se evidente, à medida que estamos progredindo rumo ao paraíso tecnológico, que este seria um estado de coisas ao o homem, longe de prosperar, degeneraria. Torna-se evidente que esse paraíso está sendo conquistado a um preço alto demais, a saber, ao preço da perda do senso de realidade. Torna-se evidente que esse paraíso representa a loucura. Isto se torna evidente no Ocidente, já próximo desse paraíso e dessa loucura, e ainda não é visível em Bizâncio, aonde portanto prevalece o otimismo correspondente ao otimismo positivista ocidental do século passado. O papel da filosofia moderna reside, ao meu ver, na tentativa de reformular o conceito "homem" e o conceito "aquilo que é totalmente diverso do homem", para esclarecer o perigo do paraíso incipiente e, possivelmente, evitá-lo.



PRAIÁ DO GONZAGA

FONE: 4 1155 - SERIE  
TELEGR.: ATLANTHOTEL

Na minha tentativa de fixar o lugar geométrico da  
 Filosofia a atual, ocorreu-me ainda as seguintes con-  
 siderações, talvez pertinentes. No século 18 eram  
 dois os tipos de pessoas que se dedicavam a Filosofia  
 o gentleman independente, a quem damos a Filosofia  
 idealista inglesa, e o professor universitário, e quem  
 damos o positivismo. A estes dois tipos correspondem  
 dois estilos de Filosofia: um estilo de pura aparência  
 superficialidade coloquial, que parece a linguagem da  
 profundidade dos pensamentos por ele tratados, e o outro  
 estilo de uma linguagem seca e significativamente enfiada  
 que parece que, quando o fogo do entusiasmo que anima  
 o pensamento. A margem destes dois tipos incluem-se alguns  
 pamphletistas e protestantes que o pensador do  
 século 18 chamavam de "philosophes" mas a quem  
 ao longo do tempo não usou o nome. Durante o século 19  
 deu-se, por vezes, o mesmo do gentleman, pro-  
 fundamente assediado dramaticamente os positivistas, e aparece um



esse tipo: o poeta filosoficamente inspirado e acadê-  
 micamente <sup>educado</sup> inspirado. O deturador de tipos que escreve  
 a gramática frisa como característica Russell meliosamente  
 a Nietzsche. Com esse tipo nasce o estilo de filósofo  
 inspirado e poético, que tinha o cauzado os seus maiores  
 triunfos com Platão. No nosso tempo prevalece o estilo  
 professoral, geralmente representando tendências dos  
 dois séculos passados e que se esforçam por adaptar-se  
 às novas circunstâncias. O estilo "gentleman" sobrevive  
 somente em forma diluída com o professorialismo, prin-  
 cipalmente na legislação nos Estados Unidos. O estilo  
 inspirado se modifica nitidamente, floresce porque a  
 inspiração filosófica não irrompe tão facilmente  
 em nosso dia e é, portanto, um pouco baseada  
 "pre-fetched". E surgiu um novo tipo de filósofo:  
 o mascarado ou romancista. Torna-se, portanto, progressi-  
 vamente mais difícil de manter a disciplina chamada  
 "filosofia" e parece que aquela matéria seca que está  
 sendo ensinada na maioria das universidades, lecionadas,  
 cobertas do curso, somente tem poucos aspectos deste  
 complexo. A força viva da filosofia, aquela que

- 3 -

nos toca no íntimo para acender dentro de nós  
 a chama do espírito, esta escapa ao academi-  
 cismo. E aqui que esta força é lutada pelo mundo  
 tão etíca quanto no passado. — Durante o  
 século 19 tinha sido profetizado diversos vezes  
 o fim da filosofia. Representava ela um estágio  
 relativamente primitivo do desenvolvimento da  
 razão humana, mais adiantado do, por certo, que  
 a religião, mas inferior à ciência. Hoje sentimos  
 o ridículo de uma opinião tão ingenuamente, pra-  
 udo dizer, tola, otimista. Sabemos hoje que  
 a filosofia não é um estágio passageiro do espí-  
 rito humano no seu caminho da superstição para  
 o conhecimento, nem tão pouco um estágio (como  
 pensavam os médicos) no caminho a partir  
 do erro do sentido para a iluminação pela fé,  
 mas em uma disciplina apropriada e toda para  
 esta região de problemas humanos que por definição  
 nunca se submetem à pesquisa científica, nem nunca  
 são satisfatoriamente englobados pela biologia.  
 Esta nossa emicção faz com que um efeito  
 negativo e outro positivo. O negativo é a nossa

perda de fé no valor epistemológico absoluto da  
 ciência e a nossa incapacidade de submetê-  
 mo-nos humildemente à religião. O positivo é  
 a nossa volta a um conceito da <sup>mais ampla</sup> razão humana,  
~~mas~~ o qual não change sómente a nossa capaci-  
 dade de raciocinar, mas também de valorizar e  
 intuir, e talvez também de separar-se a si mesma  
 dialécticamente. Esta força viva de filosofia  
 atual, a qual é oposta mesmo nas filosofias  
 mais desespradas, é, para mim, uma das maiores  
 razões para uma esperança de uma saída do dilema  
 presente.